

Brasil terá acesso à redução da dívida

11 FEB 1990

**Para Rudolf Merten,
do Swiss Bank
Corporation, é
possível um acordo**

ASSIS MOREIRA
Especial para o Estado

GENEBRA — O Brasil certamente obterá uma redução de sua dívida externa de US\$ 120 bilhões, a exemplo do México, que reduziu US\$ 20 bilhões no âmbito do Plano Brady, mas essa renegociação não estará terminada antes de 1991, afirma Rudolf Merten, vice-presidente do Swiss Bank Corporation, um dos principais bancos internacionais. “Os bancos consideram absolutamente factível — sublinha o banqueiro, numa entrevista à Rádio Suíça Internacional — fechar um acordo com o Brasil, mas isso não será fácil e levará tempo, porque a situação do País é grave, e o novo governo necessitará de muita decisão e valentia política para mudar esse quadro.”

Merten afirma que, uma vez definida a nova política econômica, os bancos vão restabelecer as negociações com o Brasil, de acordo com a estratégia do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady. Essa estratégia, recomendada por Brady, obriga os bancos comerciais a um abandono parcial da dívida, deixando a escolha entre uma redução do principal, uma redução dos juros, fornecimento de dinheiro novo ou a combinação das três possibilidades.

O FMI e o Banco Mundial também participam do pacote de redução do principal e do serviço da dívida e contribuem para uma melhora da “qualidade do endividamento residual”, conforme o Plano Brady. Os bancos admi-

tem que o Brasil não tem condições de pagar o serviço da dívida nos moldes adotados até o governo do presidente José Sarney. Dados do banqueiro suíço demonstram que, nos últimos cinco anos, o País pagou US\$ 55 bilhões só de juros, e a dívida ainda aumentou US\$ 20 bilhões por causa das taxas de juros internacionais.

Rudolf Merten, que preside também a Câmara de Comércio Suíça-América Latina, diz estar convencido de que haverá no Brasil uma nova abertura da economia. “Esta é uma tendência da economia mundial, e o Brasil não pode se isolar. O Brasil tem uma mentalidade de abertura e, se quer continuar competitivo e integrado à economia mundial, no que estou seguro, deve apresentar novas possibilidades e atrativos para os investidores estrangeiros.”

Por sua vez, Franz Güdel, diretor-geral do Swiss Bank Corporation e responsável pelo reescalamento da dívida dos países em desenvolvimento, destaca que, “por mais legítima que seja a reivindicação dos bancos de quererem a todo preço recuperar seus créditos, é preciso que eles saibam se mostrar realistas”. Nesse sentido, os bancos internacionais abandonaram mais de US\$ 36 bilhões ano passado.

Outro trabalho recente do banco suíço salienta que um modelo para os países que querem se beneficiar do Plano Brady é o conjunto de países asiáticos em via de industrialização. Esses países “souberam adaptar suas políticas econômicas em função de novas condições e manter o crescimento”, obtendo um aumento de 62% na renda per capita entre 1982 e 1989.